

Obra intitulada Saudades de Bernaldim⁶⁶ Ribeiro,
que foi autor dela.⁶⁷

CAPÍTULO PRIMEIRO

Minina e moça⁶⁸ me levaram de casa de minha mai⁶⁹
para muito longe. Que causa fosse então daquela minha
levada, era ainda pequena, não a soube. Agora não lhe

66 *Bernaldim* ou *Bernardim* eram duas formas do mesmo nome usadas indistintamente no século XVI. No romance aparecem dois anagramas do autor formados com as duas variantes do seu nome: Bimander ou Binmarder (de *Bernardim*) e Narbindel (de *Bernaldim*). Nos outros testemunhos quincentistas da obra, o nome do autor aparece no título como *Bernaldim* (no ms. M e na ed. F) ou como *Bernardim* (na ed. E).

67 Proponho vírgula depois de “Ribeiro” para salientar claramente o sentido desta frase: parece que na época em que se fez a cópia do ms. A (1540/45), a obra era conhecida como *Saudades de Bernardim Ribeiro*, incluindo o nome do autor no título.

68 *Minina e moça*: expressão para se referir às donzelas muito jovens. Não se documenta exactamente igual em outros autores da época, mas aparecem outras semelhantes, como a “moça minina” do *Clarimundo*. Eugenio Asensio encontra expressões semelhantes na língua castelhana, como neste poema de Gómez Arias: “soy niña y muchacha / nunca en tal me vi” (v. Eugenio Asensio, “Bernardim Ribeiro a la luz de un manuscrito nuevo – Cultura literaria y problemas textuales”, *op. cit.*, p. 214), embora não me pareça que se possa deduzir disto que Bernardim tome de Gómez Arias a expressão, como propõem Eugenio Asensio e Pina Martins (v. José V. de Pina Martins, “Bernardim Ribeiro – O Homem e a Obra”, *op. cit.*, pp. 101-102 e 207).

69 Na edição de Évora, “casa de minha mai” foi substituído por “casa de meu pai”, sem dúvida porque o facto de uma menina nascer em casa de mulher podia ser interpretado de forma inconveniente. Basta este exemplo como mostra do cuidado que André de Burgos devia ter para conseguir a aprovação da censura, sendo deste tipo muitas das correcções por ele propostas. Bernardim só tentava pôr em destaque a solidão, a orfandade e o desamparo da menina e, em geral, de todas as mulheres da obra.

ponho outra senão que parece que já então havia de ser o que depois foi. Vivi ali tanto tempo quanto foi necessário para não poder viver em outra parte. Muito contente fui eu em aquela terra, mas coitada de mim, que em breve espaço se mudou tudo aquilo que em longo tempo se buscou e para longo tempo se buscava. Grande desventura foi a que me fez ser triste ou, pela ventura, a que me fez ser leda. Mas depois que eu vi tantas cousas trocadas por outras cousas, e o prazer feito mágoa maior, a tanta tristeza cheguei que mais me pesava do bem que tive que do mal que tinha.

Escolhi para meu contentamento, se entre tristezas e cuidados há hi algum, vir-me viver a este monte onde o lugar e a míngua da conversação da gente fosse como já para meu cuidado compria, porque grande erro fora⁷⁰, depois de tantos nojos quantos eu com estes meus olhos vi, aventurar-me ainda a esperar do mundo o descanso que ele não deu a ninguém.

Estando eu aqui só, tão longe de toda a gente e de mim ainda mais longe, donde não vejo senão serras que se não mudam, de um cabo, nunca, e da outra parte ágoas do mar que nunca estão quedas, onde cuidava eu já que esquecia a desventura porque ela e depois eu, a todo poder que ambos podemos⁷¹, não nos leixámos a mim nada em que pudesse achar nova mágoa, antes tudo havia, como há, muito tempo que é povoado de tristezas, e com razão – mas parece que das desaventuras há mudança para outras desaventuras,

70 *fora*: seria. A forma em “-ra” dos verbos ainda podia ser usada para diferentes tempos e modos: como mais-que-perfeito do indicativo (como na actualidade), como condicional e como imperfeito do conjuntivo.

71 *podemos*: pudemos.

porque do bem não a havia para outro bem⁷²... E foi assi que, por caso estranho, fui levada em parte onde me foram ante meus olhos apresentadas em cousas alheas todas as minhas angústias, e o meu sentido d'ouvir não ficou sem a sua parte de dor. Ali vi então, na piedade que houve doutrem, camanha a devera ter de mim se não fora tão demasiadamente mais amiga de minha dor⁷³ do que parece que foi de mim quem me é a causa dela. Mas tamanha é a rezão por que são⁷⁴ triste, que nunca me veio mal nenhum que eu já não andasse em busca dele.

72 Bernardim Ribeiro gosta de fazer uso do anacoluto em momentos em que a menina exprime sentimentos de grande dor. Deste modo consegue mostrar com extraordinária plasticidade o desespero da personagem, que se deixa arrastar pelo sofrimento do seu coração em ideias que atropeladamente se ligam, esquecendo a lógica do discurso. Note-se, porém, que Bernardim não faz mais do que usar os preceitos da retórica quinhentista, sendo o anacoluto uma das figuras de estilo que, neste caso, vem a propósito de outro dos princípios retóricos clássicos: o *decoro*, a perfeita adequação entre o personagem e o seu modo de falar. O anacoluto de Bernardim é de tipo anapódoto: a oração “Estando eu aqui só...” que ficou suspensa, retoma-se na frase seguinte após a fórmula “E foi assi que...” Noutros casos, porém, há anacolutos que devem ser atribuídos a erros do autor (sem dúvida porque se trata de um texto que não foi revisto), ou a erros de cópia dos diferentes testemunhos.

73 *camanha a devera ter de mim se não fora tão demasiadamente mais amiga de minha dor*: são dois casos de uso arcaico da forma em “-ra” dos verbos (v. nota 70) numa oração condicional. Actualmente, o verbo subordinado deveria aparecer no imperfeito do conjuntivo (“se não fosse” em lugar de *se não fora*) e o verbo do qual depende estaria no condicional ou, mais vulgarmente, no imperfeito do indicativo (“camanha a deveria ou devia ter” em lugar de *camanha a devera ter*). Estes usos são constantes ao longo de toda a obra e seria excessivo repetir a explicação em todos os casos em que aparecem, de modo que não voltarei a mencionar todas as formas em “-ra” em notas de rodapé.

74 *são*: sou. É a forma mais frequente no texto para a 1ª p. sing. do presente do indicativo de “ser”. Só farei esclarecimento dela em nota de rodapé nos casos de ambiguidade (com a 3ª p. plural) ou dificuldades de interpretação.

Daqui me vem a mim a parecer que esta mudança em que me eu via já a eu então começava a buscar quando me esta terra onde me ela aconteeço aprouve mais que outra nenhũa para vir aqui acabar os poucos de dias⁷⁵ que eu cuidei que me sobejavam. Mas nisto, como em outras cousas muitas, também me enganei eu, que há já dous annos⁷⁶ agora que estou aqui, e não sei ainda tão-somente determinar para quando me agarda a derradeira hora. Não pode vir já longe...

Isto me pôs em dúvida de começar a escrever as cousas que vi e ouvi. Mas depois, cuidando comigo⁷⁷, disse eu que arreçar de não⁷⁸ acabar d'escrever o que vi não era causa⁷⁹ para [o]⁸⁰ leixar de fazer, pois não o havia⁸¹ de escrever pera ninguém, senão para mim⁸² só – quanto mais que em cousas não acabadas⁸³ não havia de ser novo, que quando⁸⁴ vi eu prazer acabado ou mal que⁸⁵ tivesse fim? Antes me pareceo que o tempo⁸⁶ que hei-de estar assi neste ermo, como a meu mal aprouve, não o

75 *os poucos de dias*: os poucos dias (uso de “de” partitivo).

76 *amos*: no manuscrito, a palavra “ano” aparece escrita sempre com til (“ãno”), que pode ser considerada só ornamental, como abreviatura de *n* (grafia alatinada de duplo *n*) ou como representação da nasalização do *a*. A forma por nós adoptada tenta conservar todas estas possibilidades interpretativas.

77 *cuidando comigo*: pensando, discorrendo no meu interior.

78 *não*: dificuldade de leitura. No canto inferior direito da folha há uma mancha de humidade que apagou um tanto a tinta de algumas palavras, o que dificulta a leitura delas.

79 *causa*: *ibidem*.

80 [o]: om. no ms. A. Aparece em todos os outros testemunhos.

81 *auia*: dificuldade de leitura (v. nota 78).

82 *para mim*: *ibidem*.

83 *acabadas*: *ibidem*.

84 *quando*: *ibidem*.

85 *mal que*: *ibidem*.

86 *que o tempo*: *ibidem*.

podia empregar em cousa que mais de minha vontade fosse. Pois Deus quis, assi minha vontade seja...

Se algum tempo se achar este livro de pessoas alegres⁸⁷, não o leam, que porventura, parecendo-lhe⁸⁸ que seus casos serão mudáveis como os aqui contados, o seu prazer lhes será menos prazer. E isto, onde eu estivesse, me doeria, porque assaz abastava eu nacer para minhas mágoas, e não ainda para as doutrem. Os tristes o poderão ler, mas aí⁸⁹ não os houve mais homens, depois que nas mulheres houve piedade. Mulheres si, porque sempre nos homens houve desamor, mas para elas não o faço eu, que, pois que o seu mal é tamanho que se não pode confortar com outro nenhum, para as mais intristecer, sem-rezão seria querer eu que o lessem. Antes lhes peço muito que fujam dele e de todas as cousas de tristeza, que, ainda com isto, poucos serão os dias que hão-de poder ser ledas, porque assi está ordenado pola desventura com que elas nadem. Para ãa só pessoa podia ele ser, mas desta não soube eu mais parte⁹⁰ depois que suas desditas e minhas o levaram para [longes]⁹¹ terras

87 *de pessoas alegres*: por pessoas alegres. No século XVI era muito frequente o uso da preposição “de” no agente da passiva.

88 *parecendo-lhe*: parecendo-lhes. Ainda nesta época encontramos “lhe” invariável (para singular e plural), ao lado de exemplos frequentes de “lhes” (*cf.* nesta mesma frase: “... o seu prazer lhes será menos prazer”).

89 *aí*: entre eles. Trata-se do uso arcaico pronominalizado do advérbio, que ainda podemos encontrar esporádico no texto. É muito frequente com o verbo “haver” (*haver aí, haver hi*), mas já completamente vazio de significado.

90 *saber parte (de alguém)*: ter notícia (de alguém).

91 [*longes*]: no manuscrito A aparece “longe”, como se fosse advérbio (“o levaram para longe”), erro de cópia que se pode explicar porque em “longe” acaba a linha, de tal modo que o copista perde a ligação com “terras”. Em todos os outros testemunhos aparece “longes”.

estranhas, onde bem sei eu que, vivo ou morto, o possue a terra sem prazer nenhum.

Meu amigo verdadeiro, quem me vos levou tão longe? Que vós comigo e eu convosco, sós, soíamos a passar nossos nojos grandes então, pequenos para os de depois. A vós contava eu tudo. Como⁹² vós vos fostes, tudo se tornou tristeza. Nem parece ainda senão que estava espreitando já que vos fôsseis! E porque tudo ainda mais me magoasse, tão-somente não me foi deixado em vossa partida o conforto de saber para que parte da terra íeis⁹³, ca descansaram os meus olhos em levar para lá a vista. Tudo me foi tirado no meu mal⁹⁴. Nem remédio nem conforto houve aí. Para morrer assim me pudera isto aproveitar, mas para isto não me aproveitou ainda. Convosco usou a vossa desventura algum modo de piedade em vos alongar desta terra, ca, pois pera não sentirdes mágoas não havia remédio, para as não ouvirdes vo-lo deu. Coitada de mim, que estou falando e não vejo ora [eu]⁹⁵ que leva o vento as minhas palavras e que não me pode ouvir a quem falo!

Bem sei que não era eu para isto a que me ora quero pôr, porque escrever algũa cousa pede alto repouso, e a

92 *Como*: uso de conjunção temporal (“quando”).

93 *íeis*: íeis. Conservo a grafia porque os antigos hiatos átonos de “e” (derivados de “-les” ou “-des” finais) deram origem a formas diferentes, algumas já desaparecidas, que ainda se podem encontrar esporadicamente no texto (*cf.* nota 211).

94 No manuscrito não há símbolo de pausa após “mal”, de tal modo que também se pode interpretar que pertence à frase seguinte: “No meu mal, nem remédio nem conforto houve aí”. A nossa proposta coincide com F e M. A ed. E, porém, optou por colocar vírgula antes de “no meu mal”.

95 [eu]: no ms. A aparece “em”, o que não faz sentido. Todos os outros testemunhos coincidem em “eu”.

mim as minhas mágoas oras me levam para um cabo, oras para outro. Trazem-me assi que me é forçado tomar as palavras que me elas dão, porque não são⁹⁶ tão cos-trangida a servir ao engenho como à⁹⁷ minha dor. Des-tas culpas me acharão muitas neste livro, mas da minha ventura foram elas. Ainda que... quem me manda a mim olhar por culpas nem por de[s]culpas⁹⁸? O livro há-de ser do que vai escrito nele. Das tristezas não se pode con-tar nada ordenadamente porque desordenadamente acontecem elas. Também, por outra parte, não me dá nada não o lea ninguém, que eu não o faço senão para um só, ou para nenhum, pois dele, como disse, não sei parte tanto há. Mas se inda está pera me ser outorgado que este pequeno penhor de meus longos suspiros vá ante seus olhos, muitas outras cousas desejo, mas esta me seria assaz.

CAPÍTULO II

Neste monte mais alto de todos que eu vim buscar pola suavidade deferente dos outros que nele achei, pas-sava eu minha vida como podia: ora em me ir pôr do mais alto dele olhar a terra como ia acabar ao mar e depois o mar como se estendia logo após ela para se ir acabar onde o ninguém visse. Mas quando vinha a noite, aceita a muitos meus pensamentos, que via as

96 *são*: sou.

97 *à*: na língua da época não era obrigatório o uso de artigo com preposição, de modo que aqui se pode interpretar também como preposição "a".

98 *de[s]culpas*: no ms. A lê-se "deculpas". Todos os outros testemunhos coinci-dem em "desculpas".